

CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: NARRATIVAS DE UM ALUNO AFRICANO VINCULADO AO PROGRAMA ESTUDANTE CONVÊNIO-GRADUAÇÃO (PEC-G)

Cícero Gabriel dos Santos¹

RESUMO: A natureza provisória da identidade representa um movimento contínuo de invenção e reinvenção da própria história de vida de uma pessoa. Por esse motivo, a construção da identidade social de um indivíduo pode ser considerada uma experiência incessante, pois, mesmo que, em determinado momento, ele assuma uma identidade, muitas outras estão por ser vivenciadas no decurso de sua vida. Neste artigo, objetivamos estabelecer um conjunto de interpretações referentes à construção da identidade social de um estudante vinculado ao Programa de Estudantes Convênio-Graduação (PEC-G), oriundo da cidade de *Parakou*, localizada em Benin, no continente africano. Situando-nos no âmbito da Linguística Aplicada, optamos pelo modelo qualitativo de pesquisa, aqui entendido como a reunião de práticas interpretativas, e adotamos a narrativa de experiência pessoal ou história de vida e a entrevista semiestruturada como instrumentos principais de pesquisa. Consideramos os estudos acerca da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2009, 2006), refletimos sobre o conceito de identidade (BAUMAN, 2005; HALL, 2005) e sobre o Programa Estudante Convênio-Graduação/PEC-G (ANDRADE; TEIXEIRA, 2009; BRASIL 2000; FONSECA, 2009). Os resultados revelaram que a construção da identidade social pode estar relacionada, ao desejo e à determinação do indivíduo em busca da realização de seus objetivos, às expectativas das pessoas que rodeiam os indivíduos e aos parâmetros do ambiente social.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Aplicada; Identidade Social; Estudante africano; Programa Estudante Convênio-Graduação/PEC-G.

ABSTRACT: The provisory nature of identify represents a continuous movement of invention and reinvention of a person's own history. By this reason, the construction of social identify of an individual can be considered an unstoppable experience because, even if in a determined moment it assumes an identity, many others are coming to be lived in the course of life. In this article we aim to establish a set of interpretations with reference to the construction of the social identity of a student engaged with the Program of the Students Graduation-Convention (Programa de Estudantes Convênio-Graduação (PEC-G)), from the city of Paraku, Located in Benin, Africa. Placing us in the field of Applied Linguistics, we have chosen the quantitative research model here understood as a reunion of interpretative practices, and we have adopted a narrative of personal experience or personal history. We have considered studies of Applied Linguistics (MOITA LOPES, 2009, 2006), we reflected on the concept of identify (BAUMAN, 2005; HALL, 2005) and about the Program of Student Graduation-Convention (ANDRADE; TEIXEIRA, 2009; BRASIL, 2000; FONSECA, 2009). The results revealed that the constructions of social identity can be related to the desire and the determination of the individual in search of realization of his objectives, the expectations of peoples who surrounds the individuals and the parameters of the social environment.

KEYWORDS: Applied Linguistics; Social identity; African student; Program of Student Graduation-Convention/PEC-G.

¹ Universidade Federal da Paraíba. E-mail: cicerogabriel.ufpb@gmail.com.

Introdução

Neste artigo, entendemos as narrativas de experiência pessoal² como uma representação sócio-histórica, em que estão situadas as relações estabelecidas por um indivíduo em determinado sistema social. Considerando a análise dessas narrativas como ponto de partida para a construção de interpretações que visam à compreensão da identidade de um indivíduo, temos como objetivo estabelecer um conjunto de interpretações referentes à construção da identidade social de um estudante vinculado ao Programa de Estudantes Convênio-Graduação (PEC-G)³, oriundo da cidade de *Parakou*, localizada em Benin, no continente africano.

Os nossos objetos de estudo são as narrativas escritas de experiência pessoal realizadas em sala de aula⁴, no decurso do período 2015.1, e uma entrevista semiestruturada, em um contato posterior. O artigo situa-se no âmbito da Linguística Aplicada – ciência de natureza transdisciplinar que visa atravessar as fronteiras disciplinares – (MOITA LOPES, 2009); enquadra-se no modelo qualitativo de pesquisa, que envolve uma abordagem tanto interpretativista como naturalista, uma vez que o pesquisador nele envolvido estuda os acontecimentos em seus contextos naturais, através da coleta de um número variado de materiais empíricos, que funcionam como pontos de partida para descrição e compreensão de momentos significativos e/ou problemáticos da vida dos indivíduos (DENZIN; LINCOLN, 2006).

Para procedermos ao estudo proposto, organizamos este artigo em seis seções, a saber: introdução, marco teórico, metodologia, análise das narrativas, considerações finais e referências. O marco teórico, organizado em três seções compreende: a) considerações sobre a Linguística Aplicada, a partir dos estudos de Moita Lopes (2009, 2006); b) reflexões acerca do conceito de identidade, a partir das contribuições de Bauman (2005) e Hall (2005), entre outros; e, c) sobre o Programa Estudante Convênio-Graduação/PEC-G, com base nos estudos de Andrade e Teixeira (2009), BRASIL (2000) e Fonseca (2009). A análise das narrativas

² De acordo com Moreira (2002), a história de vida, enquanto instrumento qualitativo de pesquisa, busca a visão do pesquisado sobre suas experiências de vida. Tais experiências estão inseridas em algum período de tempo ou se referem a algum evento ou série de eventos. O objetivo maior deve ser registrar com exatidão as histórias vivenciadas pelos indivíduos, grupos ou instituições.

³ O Programa de Estudantes Convênio-Graduação (PEC-G) constitui uma atividade de cooperação educacional com países em desenvolvimento. Possibilita a cidadãos de países com os quais o Brasil mantém acordos educacionais ou culturais a realização de estudos universitários, em nível de graduação, nas Instituições de Ensino Superior brasileiras, participantes do PEC-G.

⁴ A partir da produção de uma narrativa pessoal, de reconstrução das primeiras experiências com a escrita, os alunos cursistas da disciplina Redação Técnica, do Bacharelado em Agroindústria, de um centro de ensino federal, contribuíram para a construção de um instrumento mediador/regulador das atividades de produção escrita no decurso da disciplina mencionada.

reúne reflexões concernentes à construção da identidade social do Estudante PEC-G. Nas considerações finais, apresentamos nossas reflexões acerca do estudo realizado e, em seguida, as devidas referências.

Linguística Aplicada: um campo híbrido

Considerado um campo de investigação⁵ relativamente novo, a Linguística Aplicada, doravante LA, foi, inicialmente, entendida como “a aplicação da linguística”, ou seja, ocupava-se da teorização linguística e da aplicação de técnicas de ensino. No final dos anos 70, do século XX, Widdowson (1979 apud MOITA LOPES, 2009) criticou a restrição da LA a contextos educacionais e sugeriu a criação de uma teoria que a tornasse autônoma. A propositura do linguista favoreceu a formulação de um campo de investigação que admitia as contribuições de outras áreas do conhecimento para a resolução de questões relacionadas ao ensino de línguas, que estariam além da Linguística, demonstrando a ruptura do modelo aplicacionista⁶, passando a operar de forma interdisciplinar. Outro marco importante para o estabelecimento da LA enquanto campo de estudos foi a sua entrada em novos contextos de ensino e aprendizagem e em contextos institucionais, que favoreceu a introspecção de teorias socioculturais para a compreensão da linguagem como um instrumento de construção do conhecimento e da vida em sociedade (MOITA LOPES, 2009).

Nas palavras de Moita Lopes (2006, p. 96), “se quisermos saber sobre linguagem e vida social nos dias de hoje, é preciso sair do campo da linguagem propriamente dito [...]”. Nesse caso, para responder às demandas da contemporaneidade, as pesquisas em LA passaram a estabelecer uma aproximação com outras áreas de conhecimentos como a Sociologia, a Psicologia e a Antropologia, entre outras, tornando-se essencial à elaboração de outras formas de conhecimento com vistas ao atendimento das exigências sociais.

Nesse contexto, a formulação de um campo de estudos híbrido compreende as transformações da sociedade contemporânea, provenientes das inovações tecnológicas, culturais e econômicas. Sendo entendida como mestiça/híbrida, a LA passa a apresentar caráter transdisciplinar, porque objetiva atravessar fronteiras disciplinares, visto que os limites desse campo vêm se alargando nos últimos anos, de igual modo aos limites das ciências humanas e sociais.

⁵ À Linguística Aplicada são atribuídos vários termos, a saber: campo, área, domínio. Neste texto optamos pela designação “campo”, à semelhança da expressão usada por Moita Lopes.

⁶ O modelo aplicacionista é caracterizado pela aplicação de teorias linguísticas para o aprimoramento de metodologias de ensino de língua.

O conceito de identidade: breves considerações

A questão da identidade está sendo largamente discutida, passando a ser vista como uma palavra-chave de relevância sociopolítica da pós-modernidade⁷ (MORESCO; RIBEIRO, 2015). Entretanto, nem sempre foi vista dessa maneira, pois, “há apenas algumas décadas, a ‘identidade’ não estava nem perto do centro do nosso debate, permanecendo unicamente um objeto de meditação filosófica” (BAUMAN, 2005, p. 22-23).

Para iniciarmos a reflexão sobre o conceito de identidade, baseamo-nos na perspectiva dos Estudos Culturais, a partir das contribuições de Bauman (2005), Hall (2005) e de outros pesquisadores. Zygmunt Bauman, na obra *Identidade* (2005) – uma entrevista a Benedetto Vecchi – afirma que as identidades tornam-se mutáveis, visto que algumas se constituem a partir de nossas próprias escolhas, mas outras são criadas e lançadas pelas pessoas que nos rodeiam. Para o estudioso supracitado, “a ideia de ‘identidade’ nasceu da crise de pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o ‘deve’ e o ‘é’ e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia”. (BAUMAN, 2005, p. 26). A crise de pertencimento desencadeou a recriação “de realidades semelhantes à que se vive, o que, muitas vezes, pode ser considerado um simulacro dessa realidade” (MORESCO; RIBEIRO, 2015, p. 174).

Stuart Hall (2005) considera que as mudanças estruturais pelas quais vêm passando as sociedades modernas têm mudado nossas identidades, ressignificando a ideia de *sujeitos integrados*. Para ele, há um duplo deslocamento do sujeito – “descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos” (HALL, 2005, p. 09), o que representa uma *crise de identidade* para o indivíduo. O pesquisador, anteriormente mencionado, afirma que existem três concepções de identidade, a saber: a) a concepção do Iluminismo, em que o sujeito é visto como centrado, unificado, dotado de capacidades de razão, de consciência e de ação. Nessa concepção, a identidade do sujeito é o “centro essencial do eu”; b) a de sujeito sociológico, em que a identidade do sujeito era formada na interação indivíduo e sociedade. Entretanto, nessa abordagem, o sujeito possui um núcleo interior – “eu real” – que pode ser modificado a partir dos diálogos estabelecidos com a cultura dos mundos exteriores; e, c) na terceira, o sujeito é visto como fragmentado e composto não de uma, mas de várias identidades, contraditórias ou mal resolvidas. O sujeito

⁷ De acordo com Taschner (1999), o debate contemporâneo sobre a pós-modernidade surge da percepção de que estamos vivendo uma série de mudanças que nos afetam direta e indiretamente.

pós-moderno, nessa concepção, não possui uma identidade fixa ou permanente, visto que ele passa a assumir identidades diferentes em diferentes momentos.

Bauman (2005) discute questões relacionadas às comunidades, conceituando-as como entidades que definem as identidades. Desta forma, ele distingue os dois tipos de comunidades: a) a de vida (nacionalidade): na qual os indivíduos vivem juntos; e b) a de destino (pertencimento): em que os indivíduos estão reunidos por ideias ou princípios. Acrescenta que o primeiro tipo lhe foi negado, se não o tivesse, não teria a oportunidade de indagar sobre sua própria identidade. A questão da identidade, argumenta, somente surgirá com exposição à comunidade do segundo tipo, porque

existe mais de uma ideia para evocar e manter unida a “comunidade fundida por ideias”, a que se é exposto em nosso mundo de diversidades e policultural [...] existem tantas dessas ideias e princípios em torno dos quais se desenvolvem essas “comunidades de indivíduos que acreditam” que é preciso comparar, fazer escolhas, fazê-las repetidamente, reconsiderar escolhas já feitas em outras ocasiões [...] (BAUMAN, 2005, p. 17). (Grifos do autor).

Nesse processo de construção, a concepção de identidade unificada, completa e coerente cedeu lugar a uma nova concepção, entendida como não permanente, transitória e dinâmica – aspectos que revelam a natureza provisória da identidade. Nesse contexto, a identidade é concebida a partir de sistemas culturais, ou seja, a identidade é culturalmente formada; é um posicionamento e não uma essência (MORESCO; RIBEIRO, 2015).

Para Berlatto (2009), as diferentes abordagens sobre a identidade são geradas com base em um conceito que reúne as dimensões individual e coletiva. O autor defende que a identidade social é caracterizada por vínculos estabelecidos pelo indivíduo em um sistema social, visto que deriva das diversas interações entre o indivíduo e o seu ambiente social. Dessa forma, a identidade social “se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculado a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação, etc. A identidade permite que o indivíduo se localize e seja localizado socialmente” (CUCHE 1999, p. 177 apud BERLATTO, 2009, p. 142).

Nesse contexto, assumimos que a identidade social não está relacionada apenas ao indivíduo, haja vista, a construção de a identidade social ser realizada no interior de contextos sociais, os quais determinam a posição do indivíduo e orientam suas escolhas.

O Programa Estudante Convênio-Graduação (PEC-G): cooperação educacional

Andrade e Teixeira (2009) afirmam que há poucos estudos no Brasil a respeito do Programa Estudante Convênio-Graduação/PEC-G, embora o programa tenha sido originado no final da década de vinte. Conforme acentuado no Manual do Programa (2000), nos últimos anos, o PEC-G tem sido desenvolvido com base em acordos e protocolos conjuntos entre o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e o Ministério das Relações Exteriores (MRE), com a participação das missões diplomáticas e das repartições consulares do Brasil no exterior. De acordo com Fonseca (2009), nas duas últimas décadas do século XX, as universidades brasileiras situadas no eixo Rio de Janeiro-São Paulo receberam um grande número de estudantes estrangeiros de países latino-americanos e africanos. Entretanto, o maior número veio do continente africano, por meio do PEC-G.

Em relação às etapas de realização do PEC-G, no Manual do Programa (2000) temos a afirmação de que sua execução cobre um ciclo completo: a) pré-seleção no país de origem e vinda do estudante ao Brasil; b) apresentação à Instituição de Ensino Superior de destino, considerando os prazos previstos nos calendários letivos; c) matrícula do estudante-convênio, que passa a frequentar o curso, dedicando-se de modo exclusivo aos estudos; d) retorno ao país de origem, após graduar-se e, e) recebimento de diploma, autenticado pelos órgãos brasileiros. No tocante à seleção de candidatos não-lusófonos, esta fase é condicionada à apresentação do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (CELPE-Bras)⁸.

O processo de conquista de vaga pelo estudante-convênio tem início com a disponibilidade de vagas ofertadas pelas instituições de ensino superior e pelo contato entre os ministérios responsáveis. Nesse sentido,

o aluno candidato indica o curso que tem preferência e, caso não haja vaga ou não seja selecionado para este curso específico, deve ser realocado em outro curso. [...] depois de distribuídos os alunos, conforme as vagas oferecidas, é dado um prazo para o estudante-convênio apresentar-se na cidade destinada, juntamente com toda a documentação solicitada. Durante a graduação uma série de diretrizes e normas é apontada [...]. Dentre estas normas, destacam-se a proibição de ser reprovado em mais de uma disciplina por semestre ou ser reprovado em uma disciplina duas vezes, e a obrigatoriedade de deixar o país em, no máximo, três meses após o término da graduação (ANDRADE; TEIXEIRA, 2009, p. 35).

⁸ Para candidatos oriundos de países que não possuem Centros de Estudos Brasileiros, será permitida a realização de curso de português para estrangeiros e, logo após a sua conclusão, será permitida a realização de exames de seleção, conforme informações contidas no Manual do Programa Estudantes-Convênio-Graduação (2000).

Em conformidade com o fragmento supracitado, o aluno-convênio deve atender aos objetivos e metas do PEC-G, a saber: vir ao Brasil, estudar, graduar-se e retornar ao seu país de origem. Na condição de participante do programa, ele possui direitos e deveres que o diferenciam dos estudantes regulares. Dessa forma, a obediência rigorosa aos deveres torna-se condição necessária para sua permanência no Brasil.

Afirmamos, anteriormente, que o programa de cooperação educacional – PEC-G é coordenado pelo Ministério da Educação e Cultura e pelo Ministério das Relações Exteriores, com a participação de Instituições de Ensino Superior. De acordo com o calendário⁹ relativo ao ano letivo de 2016, 82 (oitenta e duas) Instituições de Ensino Superior¹⁰, entre públicas e privadas, ofertaram vagas destinadas aos Estudantes Convênio-Graduação. Apenas 12 (doze) ofereceram curso de português para estrangeiros. As instituições participantes do Programa cadastram os cursos disponíveis, informando a modalidade (bacharelado/licenciatura), o *campus*, o semestre de ingresso e o número de vagas ofertadas.

Caracterização metodológica: o contexto, o sujeito e os instrumentos de pesquisa

O primeiro contato com o Estudante PEC-G¹¹ ocorreu no período letivo 2015.1, quando da oferta da disciplina Redação Técnica¹² a uma turma constituída por 33 estudantes, com faixa etária entre 17 e 33 anos, do Curso de Bacharelado em Agroindústria, de um centro de ensino federal, que tem como principal foco a atuação dos alunos nas áreas de agricultura, agroindústria, educação e pecuária.

Entre os alunos matriculados na disciplina, encontrava-se o Estudante PEC-G, oriundo de *Parakou*. Com 163 mil e 753 habitantes – em 2010¹³ –, é uma das principais cidades de Benin, no continente africano. O estudante chegou ao Brasil em 04 de março de 2014 e, tendo permanecido em João Pessoa¹⁴, iniciou seus estudos no Bacharelado em Agroindústria apenas no primeiro período letivo do ano de 2015.

Os dados, objetos da pesquisa, são de natureza empírica, representados nas lembranças do Estudante, obtidas por meio de dois instrumentos, a saber: narrativas de

⁹ Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=31781-pecg-das-ies-participantes-2016-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 19 de agosto de 2016.

¹⁰ De acordo com Fonseca (2009), nem todas as instituições estão regulamentadas e autorizadas pelo sistema federal de ensino a receber estudantes oriundos do PEC-G, quer pelas questões de ordem técnica e administrativa, quer pelas avaliações políticas, acadêmicas e pedagógicas que são processadas pelo MEC.

¹¹ No intuito de preservar sua identidade, o identificaremos apenas como Estudante PEC-G.

¹² A disciplina Redação Técnica é ofertada semestralmente e tem por finalidade possibilitar o desenvolvimento da capacidade de leitura e produção de gêneros textuais das esferas oficial, administrativa e acadêmica.

¹³ Disponível em: http://www.portalbrasil.net/africa_benin.htm. Acesso em: 05 de setembro de 2016.

¹⁴ Período em que frequentou o Curso de Português para Estrangeiros.

experiência pessoal e entrevista semiestruturada (conjunto de questões pré-elaboradas pelo pesquisador, passíveis de reelaboração). Para a produção da primeira narrativa, iniciamos pedindo aos estudantes que falassem sobre suas primeiras vivências de escrita. Depois, apresentamos uma narrativa de experiência pessoal escrita por um aluno do semestre anterior e, a partir daquele texto, destacamos a estrutura composicional do gênero, recuperando os constituintes mais relevantes. Logo, encaminhamos a proposta de produção escrita, a partir das seguintes perguntas, entre outras: a) Quais as lembranças mais recorrentes sobre as primeiras experiências com a escrita na escola? Como a família participava da aprendizagem da escrita? Qual a relevância atribuída à escrita na sua vida de estudante? A produção da segunda narrativa se deu ao final do período letivo, com o objetivo de esclarecer alguns tópicos do texto anterior. A entrevista, elaborada com o objetivo de esclarecer elementos do conteúdo temático dos textos produzidos pelo Estudante PEC-G, foi realizada ao final do período letivo 2015.2.

As narrativas: construção de uma identidade social

Nesta seção, tendo por base estabelecer um conjunto de interpretações referentes à construção da identidade social do Estudante PEC-G, constituímos dois eixos norteadores da discussão e análise dos fragmentos transcritos da entrevista semiestruturada realizada, a saber: a) Narrativas iniciais: os primeiros anos escolares e b) As interações do indivíduo: a construção de uma identidade social.

Narrativas iniciais: os primeiros anos escolares

As narrativas do Estudante PEC-G evocam o seu ingresso no ambiente escolar e a participação de um dos membros da família, que é retratado como o grande incentivador do processo de aprendizagem. Vejamos algumas informações transcritas de uma das narrativas:

FRAGMENTO 01:

Entrei na escola com 4 anos da idade do meu próprio vontade e até hoje nunca fui reprovado. Zime que é o nome do meu tio me ajudou muito para aprender a leitura, redação e matemática fora da escola [...]. Isso me fazia um bom aluno. Eu passei toda minha infância com meu tio em frente dos livros, que era um castigo para mim, porque ele me obrigava. Eu gostava de sair com meus amigos para jogar futebol, mas ele não me deixava fazer. Tinha direito dessas coisas só nos fins de semana.

Nesse fragmento, o Estudante demonstra o papel ativo assumido pelo tio durante o período de ingresso no ambiente escolar. Embora esse caráter intervencionista revelado nas práticas interacionais entre o adulto e a criança seja muito importante para o desenvolvimento

do indivíduo, ele revela também que as crianças são, desde cedo, direcionadas a viver de acordo com um determinado sistema social, ou seja, são levadas a participar das práticas sociais do ambiente em que elas vivem.

Outro aspecto relevante no processo de construção identitária do Estudante PEC-G, nestes momentos iniciais de escolarização, diz respeito ao fato de ter se distanciado da família para viver com o tio em outra localidade. Vejamos as verbalizações advindas da entrevista.

FRAGMENTO 02:

E – a família tava dividido pouco... o meu pai foi morar no... na:: cidade quando o tio tava... ele tava trabalhando do... no campo. Depois a gente passou férias... e vamos sair dessa cidade pra... é:: [...]. a gente saiu da grande cidade para pequena... a gente passou férias ali e de lá começou... eu não voltei mais pra cidade... ele pegou e disse... ele vai ficar comigo... assim começou já... até:: até ((risos))... até muito tempo fiquei com ele... foi ele que me botou na escola... e de lá começou tudo aí (Começou toda a história?) [...]. e a gente foi pra escola... tava estudando... estudando... chegou uma hora... ele viu os próprios filhos dele não gostava de estudar. Eu:: tava focado no estudo...

Na fala do Estudante PEC-G, reconhecemos que a construção da identidade, em alguns casos, é fruto das próprias escolhas de um indivíduo, mas também está relacionada aos desejos e imposições das pessoas que nos rodeiam (BAUMAN, 2005). Nessa construção identitária, as “obrigações” tornaram-se pertinentes quanto à visão que ele tinha sobre aquilo que seria “um bom aluno”, visto que “são os ambientes sociais que determinam as categorias de pessoas que neles podem ser encontradas”. (BERLATTO, 2009, p. 144).

De acordo com o Estudante PEC-G, no seu país de origem há mais de vinte dialetos, entretanto a língua oficial é o Francês. Tais dialetos, assevera, são proibidos na escola pela força da colonização, mesmo assim, são falados em casa, com a família, e na rua, somente entre amigos. Vejamos as informações advindas da entrevista:

FRAGMENTO 03:

E – Na verdade... tem a maioria das pessoas que não sabe falar francês... mas francês é a língua oficial.. é francês que unifica o país... [...] meu tio já foi pra escola... ele já sabe falar francês... a maioria de casa... ninguém fala praticamente francês não... a maioria... a gente fala outro idioma que é o Bari bar... que é nosso idioma mesmo de nascimento... [...] mas agora como o filho tem que falar francês pra trabalhar... pra fazer tudo... [...] como eles perceberam que era desse jeito... proibiam dentro da escola... ninguém vai falar mais idioma... tem que ser francês... os pais que começou (inaudível)... reivindicar... agora tão proibindo as crianças falar idioma? ... agora é a força da colonização... mas quem tem a voz é... são os funcionários... conseguiram convencer até agora eles... (Quem são os funcionários?) os funcionários são... como são? ((fala muito baixo)) o diretor... (inaudível)... todos os professores não deixam não... todos os professores...

Nas falas do Estudante, verificamos o estranhamento ocasionado pela imposição do uso de uma nova língua, que desconsidera as características sócio-históricas e culturais do indivíduo. Nesse caso, a perda daquilo que lhe é familiar – a língua da comunidade, *o Bari bar* – naquele contexto, poderia levá-lo à sensação de isolamento, a um processo de aculturação, “através do qual o indivíduo vai se socializando da nova cultura e mudando seu repertório comportamental em virtude desse contato com o novo contexto” (BERRY, 2015, apud ANDRADE; TEIXEIRA, 2009, p. 34).

Os vínculos estabelecidos pelo Estudante PEC-G, desde os momentos iniciais de sua escolarização, acentuam que a construção da identidade acontece no interior dos contextos sociais nos quais estamos envolvidos. Nesse caso, a construção da identidade social do estudante foi propiciada pelo contato pessoal e afetivo com o tio e com outros alunos, professores e funcionários da escola. Assim, as memórias e lembranças envolvidas e relacionadas aos primeiros anos escolares estão fortemente relacionadas a elementos do contexto familiar e escolar. Além disso, a mudança de cidade também proporcionou o contato com o mundo exterior ao da família.

As interações do indivíduo: a construção de uma identidade social

O aluno participante do Programa Estudante Convênio-Graduação vivencia um processo de transição que envolve desde a seleção de candidatos ao retorno destes ao país de origem. Nesse contexto, ele precisa adaptar-se às exigências acadêmicas, ao clima, à alimentação e aos valores sociais, com os quais não está familiarizado e, além disso, precisa desenvolver habilidades com o novo idioma. No caso do Estudante PEC-G, além de deixar claro que obter uma formação fora do país era seu grande desejo, ele descreve suas escolhas no decurso do processo de seleção. Vejamos as informações transcritas de uma das narrativas:

FRAGMENTO 04:

Estava em terceiro semestre de Geografia com o objetivo me formar em Geofísica. Tranquei o curso depois de ter sido selecionado para o Brasil. Era também um dos meus grandes sonhos, me formar fora do país. Tinha duas opções de cursos para escolher dentro dos demais. A seleção se faz desde meu país, na Embaixada do Brasil no Benin. Eu escolhi a Biomedicina e a Agroindústria [...]. Teve vaga para mim em Agroindústria. Tinha também a opção de escolher a universidade aonde que se formar [...].

Esse trecho da narrativa dialoga com as afirmações de Andrade e Teixeira (2009), para quem o processo para conquista de vaga depende da disponibilidade de vagas das Instituições de Ensino Superior e dos contatos entre os ministérios responsáveis nos dois países. Neste

caso, o Estudante indicou os dois cursos de sua preferência, visto que, não havendo vaga em um deles, ele seria remanejado para o outro curso.

Nos trechos seguintes, o Estudante, motivado pelas escolhas dos amigos, reafirma o desejo de estudar fora do país e fala de suas próprias escolhas. A necessidade de apreender outra língua pareceu não representar obstáculo para o africano, que demonstrou determinação. Vejamos as informações oriundas da entrevista:

FRAGMENTO 05:

E – Eu... quando eu tava na universidade... eu também tava com vontade muito de ::: sair do país pra estudar fora... um tio meu da parte da mãe... que tava trabalhando de portaria na embaixada do::: Brasil, ele tava trabalhando aí... quando conversei com ele... se tiver oportunidade de estudar pra fora... eu vou... e::: eu (inaudível)... a maioria dos amigos da gente tava todo mundo indo pra França... [...] ele ligou pra mim... ah... aqui tem essa bolsa que tu... lá eles não falam francês... é português... assim... assim... eu disse::: quando ele falou lá... eu não tava com vontade de viajar pra cá.. porque a gente tava focado na França... depois fiquei analisando... como já tem amigo na França... eu disse... vou::: pro outro lado buscar outro conhecimento... eu liguei pra ele... eu já me decidi... [...] eu vou pra o Brasil... mesmo se tiver outro língua pra aprender...

Nesse fragmento, inferimos que o desejo e a determinação do Estudante PEC-G estão relacionados à construção de uma identidade social, visto que, as suas decisões e o seu esforço podem significar a busca de algo que ainda seja preciso construir. Este aspecto é evidenciado ao afirmar “como já tem amigo na França... eu disse... vou::: pro outro lado buscar outro conhecimento...”, em que verificamos a sua necessidade de reinventar a própria história, visto que, nas sociedades em que vivemos, “as identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher capturá-las em pleno voo...” (BAUMAN, 2005, p. 35).

No que diz respeito ao desenvolvimento de habilidades com o idioma, encontramos no Manual do Programa (2000) que a seleção de candidatos não-lusófonos está condicionada à apresentação do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (CELPE-Bras). Desta forma, caberá às instituições de ensino superior a realização de curso de português para estrangeiros. O Estudante PEC-G ao afirmar que nunca teve contato com o Português antes de vir ao Brasil descreve as dificuldades enfrentadas no solo brasileiro e o encaminhamento das aulas de português. Vejamos as informações obtidas da entrevista:

FRAGMENTO 06:

E – o meu contato com o português foi... aqui em São Paulo... quando a gente desceu do avião.. chegou aí... meus amigos... ninguém sabia falar... todo mundo tava falando francês... felizmente a gente encontrou um amigo que já tava aqui que::: ia ajudando também... que ajudou a gente a fazer o desembarque... [...]

FRAGMENTO 07:

E – eles sabem os países que não fala português como no caso da gente... eles oferecem essa aula de português.. as professoras que vieram... no início elas ficavam bravas com a gente mesmo... porque elas falavam... falavam... falavam e ninguém entendia nada... era aquele silêncio... elas se esforçavam pra fazer a gente entender...

As narrativas do Estudante atestam as dificuldades encontradas quanto ao desenvolvimento de habilidades com a nova língua, de fundamental importância para o processo de seleção dos candidatos ao PEC-G. Nesse caso, percebemos os desafios da construção de um dos aspectos da identidade social do Estudante, visto que a aprendizagem de uma nova língua será uma construção contínua e não algo que se aprenderá de uma só vez. Entretanto, a inserção do estudante em práticas de letramento¹⁵ presentes em outros momentos do curso tornou-se um aspecto decisivo para a construção de sua identidade como participante real daquele ambiente de aprendizagem. No próximo fragmento, as informações contidas na entrevista confirmam essa afirmativa.

FRAGMENTO 08:

E – Era do jeito que elas faziam... eu gostava muito... porque elas perguntam as coisas pra gente... da família... do mesmo tempo... falando de nós e escrevendo... eles gostavam muito da cultura africana... aaah... me fale como é que é... como é sua família... fale assim... a gente fala... depois escreve o que tu falou... a gente fica contando a vida da gente e aprende a escrever e falar também ao mesmo tempo... era uma coisa que ajudou bastante porque a gente gostava de falar disso... MUI-TO... sempre perguntavam várias coisas que têm a ver com a vida da gente... com a família... com a África...

A participação efetiva do Estudante no curso de português tornou-se um aspecto de grande relevância no estabelecimento da sua identidade social, pois, ao trazer seu conhecimento cultural para a atividade de leitura e escrita, ele passou a retratar a própria identidade de forma criativa, (re) modelando-a de forma contínua.

De acordo com os estudos de Andrade e Teixeira (2009), os estudantes PEC-G, ao escolherem um país para estudar, muitas vezes só consideram a imagem que eles têm do país de destino. Outros são atraídos pelo conjunto de facilidades e pela possibilidade de constituição de uma identidade social, “forjada no contexto das relações adquiridas nesse período de juventude” (FONSECA, 2009, p. 24). O participante desta pesquisa afirmou ter pouco conhecimento a respeito do Brasil, e que apenas duas coisas eram por ele conhecidas, entre elas o futebol e a produção de biocombustível. Vejamos essas informações:

¹⁵ Street (2014) utiliza o conceito de práticas de letramento para indicar os usos culturais da leitura e da escrita. Para o pesquisador, as práticas de letramento compreendem as ações dos participantes dessas práticas e suas concepções sociais e culturais.

FRAGMENTO 09:

E – O que eu conhecia antes... era duas coisas.. eu gostava de assistir muito futebol... eu tenho um jogador que eu gosto dele que é Ronaldinho Gaúcho... eu gosto muito dele... eu descobri o Brasil por causa do futebol... então comecei a assistir um monte de jogo dele... depois na:: de:: na escola eles falavam do Brasil... como sei sai do vegetal... essas coisas do Etanol aí... esse tipo de combustível que vem de... da vegetação ((risos))... fiquei interessado também pra saber dessas coisas... eram duas coisas que eu conhecia do Brasil.

Embora o Estudante PEC-G faça referência apenas ao futebol e à produção de biocombustível, interpretamos que a partir do contato com africanos que já estudam no Brasil, ele tenha adquirido outros conhecimentos. Em outro momento da entrevista, no trecho “felizmente a gente encontrou um amigo que já tava aqui que::: que ajudou a gente a fazer o desembarque...”, ele refere-se ao momento de chegada ao país e, assim, revela que ao chegar e encontrar outros estudantes de mesma nacionalidade, os africanos tendem a agrupar-se em uma rede de auxílio, “promovendo compartilhamentos de valores, bem-estar psicológico e senso de identidade étnica”, conforme Constantine, Kindaichi e Cols, 2005; Mullet e Cols, 2000; Pizzinato e Sarriera, 2004; citados por Andrade e Teixeira (2009, p. 37).

No contexto vivenciado pelo jovem estudante, é importante entender que a adaptação à nova cultura não acontece de forma tão simples, pois o processo de adaptação demanda a alteração da própria maneira de enxergar o mundo, visto, desde a sua chegada, o Estudante está inserido em um universo diferente daquele que deixou. Também não é simples a adaptação dos jovens brasileiros em relação aos estudantes africanos, por não estarem preparados para lidar com as dificuldades e as atitudes expressas por eles. Em função do pouco conhecimento a respeito da cultura africana por parte do estudante brasileiro, o jovem africano é apontado, questionado e, muitas vezes, é visto como um ser exótico (FONSECA, 2009). Na narrativa do Estudante PEC-G, verificamos as reações dos alunos à presença de um estudante africano. Vejamos:

FRAGMENTO 10:

E – A gente quando se veste desse jeito... quando chegava assim... todo mundo ficava perguntando... [...] uma vez eu visto outra vez eu deixo ((risos))... tem umas pessoas aí que têm outro tipo de se vestir... tem também aquela roupa que é de lá também... várias pessoas se vestem desse jeito alguma vez... dia de festa pra ir pra festa com amigo... [...] eu... não gosto de me vestir mais com essas roupas... (Por que?) é porque... se o senhor me visse assim ((risos)) vai querer (inaudível) como as pessoas aí... até porque eu tenho umas roupas são do tipo grande.. que os mulçumanos usam... tem também uma vez que saí de noite... olha padre... olha assim... assim... pra não dar tanta perspectiva pras pessoas... então eu me guardo um pouco dessa cultura pra viver... pra me tratar como filho daqui...

Nesse fragmento, chamou-nos a atenção o conflito vivenciado pelo Estudante, ao afirmar “me guardo um pouco dessa cultura pra viver... pra me tratar como filho daqui...”, demonstrando que o contato com outros estudantes tem modificado o padrão de vestimenta e também cultural do jovem beninense, que tem enfrentado o desafio de construir sua identidade social, isto é, constituir-se membro daquela comunidade. Para tanto, ele “precisa lidar com valores que eventualmente entrarão em conflito com outros aspectos de sua identidade” (BEZERRA, 2015, p. 65), significando que a construção da identidade social passa por um processo contínuo de negociações.

De um modo geral, a chegada à universidade traz muitas expectativas e um sentimento de insegurança. Entretanto, é provável que, com o passar do tempo a excitação inicial diminua (ANDRADE; TEIXEIRA, 2009). Ao relembrar sua chegada ao Brasil, o Estudante PEC-G destaca a transição vivenciada quando do processo de seleção do Programa e de suas expectativas em relação ao Bacharelado em Agroindústria.

FRAGMENTO 11:

E – Eu... eu tava fazendo Geografia lá... [...] depois da bolsa eu fui lá na Embaixada... [...] eu botei Biomédici... Biomedicina e Agroindústria... vai que o resultado saiu Agroindústria... [...] eu fiquei me perguntando se eu conseguiria fazer esse curso... que curso é esse? [...] foi muito mais do que eu esperava... eu tô me vendo alguém como um grande profissional desse curso... ... na minha visão eu quero ficar aqui até fazer um doutorado... imagina... mas se não conseguir emprego aqui... eu vou voltar no meu país... [...] quando eu voltar a primeira pessoa a introduzir Agroindústria dentro da minha universidade... eu tenho tudo isso de expectativa... que me dar muito mais coragem de estudar... eu me vejo um grande profissional ((risos)).

O desejo de permanecer por mais tempo no Brasil para realizar uma pós-graduação e possivelmente ingressar no mercado de trabalho é anunciado pelo Estudante PEC-G nos trechos “na minha visão eu quero ficar aqui até fazer um doutorado... mas se não conseguir emprego aqui... eu vou voltar no meu país...”. Entretanto, ele também demonstra ter o conhecimento de que poderá atuar dentro das universidades de seu país, pois será portador de uma boa formação adquirida por meio do programa em uma universidade brasileira. No fragmento seguinte, o Estudante demonstra uma boa satisfação em relação a sua permanência no país. Vejamos as informações que atestam nossa afirmação:

FRAGMENTO 12:

E – Eu tô me sentindo com um outro tipo de vida melhor do que eu vivia... não sei se com outra pessoa vai acontecer desse jeito... aqui é muito melhor do que vivia... [...] eu tô vendo no futuro... como vai ser o futuro... não tenho perspectiva de voltar para o meu país...

O Estudante ainda chama a atenção para o fato de que essa fácil adaptação não pode ser generalizada, ao afirmar “não sei se com outra pessoa vai acontecer desse jeito...”. Para Andrade e Teixeira (2009, p. 37), “é o suporte social que os estudantes encontram entre seus pares e compatriotas”, que pode estar auxiliando os alunos a lidar com as dificuldades de adaptação. Nesse caso, por permanecer em contato direto com outros colegas na residência universitária e por vivenciar essa experiência em um centro de ensino relativamente pequeno, em que o contato com professores e com outros servidores torna-se mais fácil, o africano tenha rapidamente se adaptado ao novo ambiente social. Entretanto, interpretamos que o Estudante parece temer a sua volta ao país de origem quando afirma “eu tô vendo no futuro... como vai ser o futuro... não tenho perspectiva de voltar para o meu país...”, pois ele sabe que as coisas irão mudar e não encontrará os mesmos amigos nem a mesma cidade quando voltar; sabe que “suas referências identitárias, seus vínculos sociais e afetivos” se modificarão durante a sua permanência aqui no Brasil (FONSECA, 2009, p. 43).

O Estudante PEC-G está envolvido em um mundo diferente daquele de sua origem e, embora sua permanência no Brasil represente um período relativamente curto, pouco mais de dois anos, os vínculos estabelecidos naquele ambiente social têm redirecionado o seu posicionamento. No trecho seguinte, ele demonstra um sentimento de pertencimento em relação à comunidade que o acolheu. Vejamos:

FRAGMENTO 13:

estudar numa universidade federal do Brasil é muito bom... todas as dificuldades vão passar... eu não me sinto mais... ((risos)) o mesmo... não me sinto mais como se fosse o mesmo... africano... quase tô me adaptando aqui... muito mais com a cultura... com a convivência com as pessoas... até eu fico quatro meses sem falar com meu pai... minha mãe... tô aqui quase um brasileiro... ((risos)).

Nesse caso, a sua chegada ao país, sua entrada no ambiente acadêmico e as relações sociais nele ocorridas determinaram o seu posicionamento em relação a sua adaptação àquele sistema social. Compreendemos, assim, que uma identidade social do Estudante está sendo (re)construída a partir dos vínculos por ele estabelecidos através das experiências vivenciadas no novo ambiente social.

Considerações Finais

Este artigo, que tematiza a construção identitária, teve como objetivo estabelecer um conjunto de interpretações referentes à construção da identidade social de um estudante

vinculado ao Programa de Estudantes Convênio-Graduação (PEC-G), oriundo da cidade de *Parakou*, localizada em Benin, no continente africano.

Considerando as narrativas do Estudante, compreendemos que a construção identitária pode estar relacionada às expectativas das pessoas que rodeiam os indivíduos e aos parâmetros do ambiente social no qual estejam inseridos. Mas também, aos vínculos estabelecidos, desde os momentos iniciais da escolarização. Visto que a identidade social é (re)construída nos limites das trocas sociais (BERLATTO, 2009).

Tendo em vista o processo de transição vivenciado pelo Estudante, desde o processo de seleção à adaptação, consideramos que o seu desejo e a sua determinação estão também influenciando a construção de sua identidade social, visto que, suas decisões e seus esforços representam a busca por algo que ainda seja preciso construir.

Referências

ANDRADE, A. M. J. de.; TEIXEIRA, M. A. P. Adaptação à universidade de estudantes internacionais: um estudo com alunos de um programa de convênio. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*. São Paulo. v. 10, n. 1, p. 3-44, jun. 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v10n1/v10n1a06.pdf>>. Acesso em: 05 de agosto de 2016.

BAUMAN, Z. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BERLATTO, O. construção da identidade social. *Revista do Curso de Direito da FSG*. Caxias do Sul. ano 3. n. 5, p. 141-151, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://ojs.fsg.br/index.php/direito/article/view/242/210>>. Acesso em: 05 de agosto de 2016.

BEZERRA, B. Letramentos acadêmicos e construção da identidade: a construção do artigo científico por alunos de graduação. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 15, n. 1, p. 61-76, jan./abr. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ld/v15n1/1518-7632-ld-15-01-00061.pdf>>. Acesso em: 21 de julho de 2016.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Manual do programa de estudantes-convênio de graduação*. Brasília, DF: MEC, 2000. Disponível em: <https://www.ufpe.br/proacad/images/pec_g/pecg_manual%20e%20protocolo%20em%20vig.or.pdf>. Acesso em: 31 de julho de 2016.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Tradução: Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-41.

FONSECA, D. J. A tripla perspectiva: a vinda, a permanência e a volta de estudantes angolanos no Brasil. *Revista Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 1 (58), p. 23-44, jan./abr. 2009. Disponível em:

<<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643422>>. Acesso em: 30 de julho de 2016.

HALL, S. *A identidade cultural da pós-modernidade*. 10. ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Editora DP&A: São Paulo, 2005. Disponível em: <[http://faa.edu.br/portal/PDF/livros_eletronicos/psicologia/a Identidade Cultural Da Pos M odernidade.pdf](http://faa.edu.br/portal/PDF/livros_eletronicos/psicologia/a%20Identidade%20Cultural%20Da%20Pos%20Modernidade.pdf)>. Acesso em: 30 de julho de 2016.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação da Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCHA, P. (orgs.). *Linguística Aplicada: um caminho com muitos acessos*. São Paulo: Editora Contexto, 2009, p. 11-24.

_____. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 85-107.

MOREIRA, D. A. A natureza da pesquisa qualitativa. In: *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomsom, 2002, p. 43-57.

MORESCO, M. C.; RIBEIRO, R. O conceito de identidade nos estudos culturais britânicos e latino-americanos: um resgate teórico. *Revista Interamericana de Comunicação Midiática*. v. 14, n. 27, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufsm.br/animus/article/download/13570/pdf>>. Acesso em: 25 de agosto de 2016.

STREET, B. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014, p. 240 p.

TASCHNER, G. B. A pós-modernidade e a sociologia. *Revista USP*. São Paulo, n. 42, p. 6-19, jun./ago. 1999. Disponível em: <<http://www.revista.usp.br/revusp/article/view/28451/30308>>. Acesso em: 20 de maio de 2018.